

Evangelho deveria difundir-se a todas as partes do mundo (...) Cerca de 40 anos depois Paulo podia dizer que o evangelho fora "pregado a toda criatura debaixo do Céu". (Col. 1:23). E essa pregação aumentaria de intensidade no tempo do fim. Portanto "as obras" de Cristo referem-se à amplitude da difusão da mensagem. Paralelamente a ela, os adventistas realizam a cura através de sua rede hospitalar ao redor do mundo. Em vindo a chuva serôdia, com o grande derramamento do Espírito Santo, haverá uma escalada de conversões, e o mundo será totalmente advertido da mensagem final. Isto constitui as "obras maiores" do que Cristo fez em Seu ministério terreno.

CRONOLOGIA BÍBLICA

A Bíblia apresenta um relato claro dos episódios relativos ao período dos juizes, mas parece incerta quando se ocupa do período dos reis. Por exemplo, uma cronologia bíblica indica o ano de 607 A.C. como sendo o da destruição de Jerusalém, enquanto outra cronologia indica a data de 588 A.C. para o mesmo acontecimento. Tentei contar a duração de vida de vários reis de Israel e de Judá e dos respectivos reinados para chegar a um total de 360 a 367 anos. Algumas cronologias estabelecem de 450 a 530 anos o tempo decorrente entre a morte de Salomão e a destruição de Jerusalém. Como se poderia esclarecer isto? — P. S. O.

Complexo é o problema cronológico. Um dos sistemas comumente adotados pelos estudiosos da Bíblia, é o do arcebispo Tiago Ussher (1581-1656). Partindo de Adão (Gên. 5:3), traçou ele a cronologia bíblica, tendo em conta a vida dos patriarcas, dos juizes e dos reis até ao cativeiro babilônico. Este acontecimento, segundo Ussher, verificou-se a 3.398 anos da Criação, e a 606 antes de Cristo. Unidos, estes períodos totalizam 4.004 anos. Tal seria a data do nascimento de Cristo, partindo da criação do mundo. A cronologia de Ussher estabelece em 368 anos o período decorrente entre a morte de Salomão e a destruição de Jerusalém pelos babilônios (975-607 A.C.). Uma cronologia mais breve propõe 324 anos (931-607). Na base da cronologia histórica

formulada por Ussher, os estudiosos da Bíblia puderam fixar a data mais exata de alguns acontecimentos, limitando ao mínimo certas diferenças. Convém dizer que a cronologia de Ussher não é perfeita, mas aceitável em suas linhas principais.

Ocorrem algumas dificuldades na contagem do tempo que vai da morte de Salomão ao cativeiro. Em certas ocasiões, na Palestina, o filho reinava com o pai, mas o relato bíblico registra fatos relativos ao reinado do filho como se reinasse só. Tome-se, como exemplo, o tempo de Jeorão, rei de Judá, e Jorão, rei de Israel.

É-nos dito que Jorão, rei de Israel, começou a reinar no segundo ano de Jeorão, filho de Josafá, (II Reis 1:17; 3:1). Mais adiante se diz que Jeorão, rei de Judá, começou a reinar no quinto ano de Jorão, rei de Israel (II Reis 8:16 e 17). A explicação mais aceitável é que Jeorão, rei de Judá, reinou junto com seu pai Josafá pelo menos a metade dos oito anos atribuídos ao seu reinado.

Podemos ainda citar outro exemplo, o do reinado de Jotão que durou 16 anos (II Reis 15:32, 33; II Crôn. 27:1, 8). É-nos dito, porém, que Oséias, de Israel, subiu ao trono no vigésimo ano do reinado de Jotão (II Reis 15:30). Esta diferença explica-se com o fato de que Jotão reinou contemporaneamente com seu pai Azarias (II Reis 15:5). Em conclusão, reinou sozinho por 16 anos, e por mais um período, cuja extensão não se sabe, junto com o pai antes da morte deste.

Podem-se citar outros exemplos, mas cremos que estes são suficientes para demonstrar como nem sempre se pode ser exato na cronologia bíblica. Daí porque não se deve dogmatizar a respeito. E estas diferenças entre cronologias não nos devem surpreender.

É mais fácil explicar a diferença de data relativa à destruição de Jerusalém. Sob o rei Nabucodonosor os babilônios organizaram três campanhas contra a cidade: em 606-605 A.C., em 597-596 A.C. e em 586-585 A.C. A primeira campanha foi conduzida no primeiro ano de Nabucodonosor e no quarto de Joaquim (Jeremias 25:1; Daniel 1:1). A segunda, no oitavo ano de Nabucodonosor (II Reis 24:8, 12). A terceira, na qual Nabu-

codonosor completou a destruição da cidade, ocorreu no décimo nono ano de seu reinado (II Reis 25:2-8).

TRINDADE NA CRIAÇÃO

Disse-me um membro de certa seita unitária que Jesus não estava presente na Criação, e que a palavra hebraica "elohim" refere-se apenas ao poder e característicos de Deus, e seu uso na forma plural em Gênesis 1 não exige pluralidade de pessoas. É realmente assim? — P. P.

Não, não é realmente assim. Embora a forma plural *elohim*, referindo-se a Deus, possa também denotar força e majestade, ela tem outras implicações importantes e decisivas no caso. Transcrevamos o que o notável teólogo Strong diz em sua conhecida *Systematic Theology*, pp. 318 e 319:

"O substantivo plural *elohim* emprega-se, com um verbo no plural — um emprego excepcional considerando-se que o singular *el* também estava em existência (...)

"O fato de *elohim* ser algumas vezes empregado em sentido mais estrito, como aplicado ao Filho (Salmo 45:6, conferir com Heb. 1:8), não nos

impede de crer que o termo foi originalmente escolhido como contendo uma alusão a pluralidade na natureza divina. Nem é o bastante denominar este plural um simples "plural de majestade", uma vez que é mais fácil extrair esta imagem conhecida, do tratamento divino, do que extrair do tratamento divino esta imagem conhecida, especialmente se consideramos a constante tendência de Israel para o politeísmo.

"O Espírito Santo, que presidiu o desenvolvimento da revelação, bem podia ter dirigido o emprego do plural em geral, e mesmo a adoção do nome plural *Elohim* em particular, com vistas ao futuro desenrolar da verdade com respeito à Trindade".

Temos em Gênesis 1 não apenas a forma plural *elohim*, mas também a forma plural do verbo *naoseh*, FAÇAMOS (em Gên. 1:26). É notável e lógica a combinação dos dois plurais. Combine-se com isto a menção do Espírito Santo em Gên. 1:2 e teremos logo no primeiro capítulo da Bíblia uma introdução à Trindade. Não se admite que uma simples majestade ou força tenha criado a Terra.

SERMÕES COMPLETOS

(Sermonário Adventista)

É uma obra de 21 capítulos, com assuntos escolhidos da Bíblia, para serem pregados do púlpito na Igreja, ou para servirem de leitura particular. O autor, Pastor José Alfredo Torres Pereira, põe o enfoque da obra nos temas de múltiplo interesse da Igreja Adventista do 7.º Dia, tais como: Educação, Assistência Social, Juventude MV, Temperança, Vida Devocional, e muitos outros. Os sermões, escritos por extenso, trazem as citações bíblicas, as do Espírito de Profecia e as ilustrações completas.

SERMÕES COMPLETOS é uma das poucas contribuições, em língua portuguesa, aos milhares de pregadores adventistas, que lutam com a falta de tempo para pesquisa e estudo e, alguns, que não dispõem de muitas fontes para a preparação de seus sermões.

Pedidos ao "SELS" e sua Missão ou Associação local.